



“Virtude acima de todas as virtudes”: tradução crítica de Os Discursos de instrução de Meister Eckart

Levy da Costa Bastos¹

Resumo: Este artigo visa apresentar uma tradução de excertos do primeiro capítulo de Os Discursos de instrução do místico dominicano alemão Meister Eckart. Os Discursos de instrução foram escritos em Médio Alto-alemão, partindo da versão digital editada por Eckhart Triebel inserimos em nossa tradução considerações crítico-textuais. Com isso oferecemos uma aproximação entre o alemão medieval e sua configuração contemporânea. O misticismo alemão foi o que predominou durante toda a Baixa Idade Média. Com a figura de Meister Eckart está associado o despertar da mística especulativa em território germânico. Em sua teologia afirmará a transcendência divina em relação ao ser humano. Seu objetivo ao escrever Os Discursos de instrução era dar orientação espiritual e moral, como Prior, às questões levantadas pelos monges ou "filhos" espirituais.

Abstract: This article aims to present a translation of excerpts from the first chapter of The Talks of Instruction of the German Dominican mystic Meister Eckhart. The Instructional Discourses were written in Middle High German. Starting from the digital version edited by Eckhart Triebel, we have incorporated critical-textual considerations into our translation. In doing so, we provide an approximation between medieval German and its contemporary configuration. German mysticism prevailed throughout the entire Late Middle Ages, with Meister Eckhart's figure being associated with the awakening of speculative mysticism in German territory. In his theology, he asserted the divine transcendence in relation to human beings. His purpose in writing The Talks of Instruction was to provide spiritual and moral guidance, as a Prior, to the questions raised by the monks or "spiritual children."

Palavras-chave: Os Discursos de Instrução; Meister Eckart; Mística medieval; Abgeschiedenheit; Médio Alto-alemão.

Keywords: *The Talks of Instruction*; Meister Eckhart; Medieval Mysticism; Abgeschiedenheit; Middle High German.

¹ Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Doutor em Letras pela UFF. Professor adjunto de literatura alemã e Filologia germânica do Instituto de Letras da UERJ, onde coordena o setor de alemão. Professor do curso de Especialização em tradução da UERJ (Língua inglesa/LAG).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6771202295111130>

E-mail: levy.bastos@uerj.br





1. Introdução

Este artigo visa apresentar uma tradução de excertos do primeiro capítulo de *Os Discursos de instrução* do místico dominicano alemão Meister Eckart. Partindo da versão digital e editada por Eckhart Triebel² inserimos considerações crítico-textuais ao original escrito em Médio Alto-alemão. Com isso oferecemos uma aproximação entre o alemão medieval e sua configuração contemporânea.

Junto à tradução, esse artigo aborda também a significação daquele que foi o mais importante representante da mística alemã do século XIII, no contexto de sua atividade teológico-pastoral. Sabemos que a produção literária de Meister Eckart não se restringiu ao ambiente religioso. Depois de um período de quase esquecimento, sua obra foi retomada por meio da recepção dos filósofos idealistas alemães no século XIX.

Entendemos que a leitura e estudo da obra de Meister Eckart (assim como de toda a mística alemã) se revestem hoje de enorme significação, não somente no âmbito dos estudos germanísticos, mas também no campo da filosofia medieval. Abordando a temática da existência humana voltada para o “ser” e não para o “ter”, o psicanalista alemão Erich Fromm (FROMM, 1989: 314) afirmará que “ninguém foi capaz de analisar essa temática com igual profundidade e clareza, quanto Meister Eckart”. Trata-se de um autor para o nosso tempo também porque, como poucos, se interessou por perscrutar a alma humana. Sem desconsiderar o seu lado sombrio, tematizou todo o potencial da pessoa.

2. A mística alemã

O misticismo é uma expressão de religiosidade que marcou o cristianismo medieval de modo profundo, tendo seu surgimento vinculado à figura de Bernardo de Claraval (1111-1153) e a reforma dos monges cistercienses. A mística do período escolástico tratou-se de um movimento de renovação da espiritualidade popular, cujo acento recaía na vida terrena e nos sofrimentos de Jesus. Um conceito importante que a caracteriza e que vai reaparecer na maioria dos místicos desse período é o de Jesus, visto como o “noivo da alma”. Isso é resultante de uma leitura alegórica do Livro de Cantares.

² Disponível em: <http://www.eckhart.de/index.htm?werk.htm>





Houve quem fizesse distinção entre o pensamento teológico escolástico e a prática mística. Isso não encontra ressonância na realidade, posto que importantes teólogos medievais foram também místicos, como Abelardo, Boaventura e Duns Scotus, além de Tomás de Aquino. Este último escreveu textos de profunda densidade teórica teológico-filosófica, mas também outros onde registra experiências e sentimentos místicos e a visão beatífica (HÄGLUND, 1989: 175). O “doutor angélico” (como Tomás de Aquino também era conhecido) afirma, inclusive, ter aprendido mais com suas meditações diante da cruz de Cristo, do que na leitura de livros eruditos. Possivelmente o que proporcionou o surgimento do movimento místico foi o interesse crescente na Baixa Idade Média por um tipo de Cristianismo mais empírico e pessoal. Daí sua capilaridade juntos aos segmentos mais simples da sociedade.

O misticismo alemão foi o que predominou durante toda a Baixa Idade Média. Nas regiões mais ao norte e no lado ocidental da Alemanha surgiu um grupo denominado de “Amigos de Deus” (*Gottesfreunde*), vinculados à ordem dominicana. Destacam-se entre eles Johann Tauler, Heinrich Seuse e Jan van Ruysbroeck, além de Johann Eckart. Pode-se dizer que seu interesse mais decisivo eram as questões relacionadas à doutrina de Deus (teologia), a doutrina dos anjos, da alma, do ser humano, além do sentido dos sacramentos e dos atos litúrgicos.

Um capítulo vital para a mística alemã relaciona-se às mulheres, sem as quais “*a religiosidade medieval de modo geral e a mística alemã é impensável.*” (KÜNG, 1994: 522). Lamentavelmente as religiosas foram colocadas em segundo plano. Quando comparadas aos homens na historiografia sacra, as místicas estão quase que ausentes. Pode-se, nesse sentido, falar de uma estrutura social determinada (dentro e fora da igreja) pelo patriarcalismo (KÜNG, 1994: 509). Isso não reflete o vigor de seu pensamento e o alcance e fecundidade de sua obra. Destaque-se entre elas, primeiramente a figura de Mechthild von Magdeburg (1212-1294), cuja coletânea de textos chamada “*Das fliessende Licht der Gottheit*” é considerada a primeira grande obra escrita em alemão que tratou da mística. Acrescente-se a figura de Hildegard von Bingen (1098-1179), que, além de ser uma visionária, deixou publicada uma grande obra, por meio da qual influenciou à sua geração e as que se seguiram.





3. Meister Eckart

Também chamado de Eckart von Hochheim, Johann Eckart, nasceu em 1260 na cidade de Hochheim. Tendo entrado para a ordem dominicana possivelmente em 1275, já em 1298 se tornou o prior no convento de Erfurt. Formado em teologia com estudos em Paris, se tornou provincial da Saxônia. Pouco depois, em 1307, foi feito Vigário Geral da Boêmia. Suas inúmeras visitas aos conventos acabaram por se converter em ocasião oportuna para que proferisse seus sermões, que vieram a se tornar célebres entre a cristandade de então. Em 1314 retorna em definitivo para a Alemanha, onde permanece até falecer em 1327.

Nos últimos anos de vida, quando ensinava em Köln, um processo foi aberto contra ele pelo Arcebispo Heinrich von Virneburg em 1326 sob a alegação de que Eckart divulgava falsas doutrinas. Esse processo só foi concluído após a sua morte, tendo o Papa Johannes XXII exarado a Bula “*In agro dominico*”, onde foi condenado, por heresia (JEDIN, 1985: 466). É provável que isso tenha feito com que a influência teológica de Eckart permanecesse adormecida, sendo resgatada somente no século XIX pelos românticos alemães. Alguns de seus conceitos místicos foram também absorvidos pelo Idealismo alemão (HÄGLUND, 1989: 176)

Com a figura de Meister Eckart está associado o despertar da mística especulativa em território germânico. Na realidade sua influência se deixou perceber também nos Países baixos e na Suíça. (KOTTJE/MOELLER, 1983: 240). Seu pensamento está estreitamente ligado à filosofia e à teologia deste período, em especial Tomás de Aquino. Destacam-se, entretanto, suas idéias neo-platônicas, herdadas de Agostinho que dão o tom de sua obra. Desta forma

Meister Eckhart funda os alicerces da sua teologia unitiva na teoria do ser, operando uma síntese de duas tradições distintas: a neoplatônico-agostiniana, cuja ideia central é a concepção de Deus como *ipsum esse per se subsistens qui solus vere est*, e a dionisiana, que converge na infinita transcendência inefável do Deus-Uno. (RASCHIETTI, 2012: 81)

Meister Eckart representa bem o que podemos chamar de “espírito germânico”: sua profundidade afetiva, seu ardor especulativo e sua radicalidade de pensamento (JEDIN, 1985: 466). Em sua teologia afirmará a transcendência divina em relação ao ser humano. Eckart entende que aquele que é inefável não pode ser categorizado. Por conta disso, uma aproximação ao Divino só pode acontecer por meio de dois conceitos: o inteligir (*intelligere*) e o ser. Sua epistemologia divina se constrói sob o princípio de que





Deus não conhece porque é, mas sim porque conhece (GILSON, 1995: 865). Uma vez que não há em Deus, segundo Eckart, nenhum ser, Ele é Intelecção, Sabedoria, Conhecimento e Entendimento. (BOEHNER/GILSON, 1982:523).

Tudo o que foi criado, o foi por meio do Verbo, ou seja, pelo conhecer divino. A criatura, enquanto ser, é totalmente exterior a Deus. Isso significa dizer que Deus está isento de todo ser criado. Deus é mesmo “imunidade do ser (*“puritas essendi”*)”. Isso comunica uma elevada complexidade ao seu pensamento. Não poucas vezes Eckart pareceu se contradizer nesse particular. Mas, na leitura da totalidade de sua obra fica patente que seu pensamento convergia no sentido de que Deus é superior ao ser, e é somente por isso, que Ele pode dar o ser. O Deus Trino é a raiz e a causa de todas as coisas. Transcendendo, por isso, a todas as determinações (BOEHNER/GILSON, 1982: 525).

Para o bem da clareza, a pergunta que pode ser feita a Eckart é a seguinte: Como pode ser solucionada a questão da identidade entre Deus e o ser? Ele encontra resposta para essa questão na doutrina platônica da *methexis*. Esse termo, que significa participação, Platão o utilizou querendo indicar a relação entre as coisas sensíveis e as ideias. O mundo sensível, este no qual habitamos toma parte do mundo inteligível por ser sua cópia (GOBRY, 2007: 93-94). A mística visa a explicar o vínculo entre o ser e o mundo, o qual se explicaria, por exemplo, quando se estabelece relação entre a justiça (ideia) é sua concreção na realidade social (justiça).

Como M. Eckart interpreta a passagem bíblica que diz que “*no princípio criou Deus o céu e a terra*” (Gn. 1,1)? No seu entender, criar significa o mesmo que comunicar o ser. Princípio é para ele o fundamento e não o começo temporal. A criatura está sempre em devir, mas paradoxalmente é também sempre perfeita. Eckart realça a dependência do ser criado diante do ser criador divino. (BOEHNER/GILSON, 1982:525). Ele vê uma relação imediata entre o ser humano e Deus, mas reafirmando que Deus é a causa das criaturas (GILSON, 1995: 865).

No composto humano, M. Eckart só reconhece uma única forma, a alma racional, por meio da qual o ser humano recebe o conhecimento, a percepção, a vida e o ser. Ele faz, todavia, distinção metodológica entre a razão superior e a razão inferior, que seriam como duas faces da alma (BOEHNER/GILSON, 1982: 527). A parte mais profunda da razão superior é a “centelha da alma” (*Seelenfünklein*) (HÄGLUND, 1989: 176), na qual convergem as três potências mais nobres da alma: a razão, a vontade e a memória. Por meio dessa centelha é que a alma humana tem contato com a divindade e ascende à verdade (JEDIN, 1985: 467). Com ela é que a alma se torna verdadeiramente livre. Isso





confere à alma humana o ser divino. Disso decorre que para M. Eckart a alma humana esta “prenhe de Deus”.

Sendo o ponto de contato entre o ser divino e os ser humano, a alma deve se abrir imediatamente à divindade (BOEHNER/GILSON, 1982: 528). Nela o Pai gera de modo ininterrupto o Filho e o Espírito. A alma jamais pode se apartar de Deus. Em eu rigorismo moral M. Eckart vai afirmar, em consonância com toda a tradição mística de seu tempo, que as alegrias que buscamos sem Deus só trazem tristeza e amargura na alma. É necessário que ela (a alma) se despoje de tudo. A renúncia total (pobreza absoluta diante de Deus) acontece quando nada mais se deseja, nada mais pode, nada mais possui e nada mais sabe. Isso é o que podemos denominar de a mística do “não-ser” (BOEHNER/GILSON, 1982: 529). O ser humano é salvo morrendo para o mundo, isto ocorre quando ele recolhe-se em si mesmo (*Abgeschiedenheit*). A união do humano com o divino acontece em três etapas: a) purificação (arrepentimento), b) iluminação (imitação dos sofrimentos de Cristo) e c) liberdade total das coisas criadas e sua seduções. Alcançando esta renúncia perfeita a si mesma e a toda realidade criatural, a alma dá lugar ao divino. Ela se diviniza ao deixar de ser ela mesma. Essa divinização, que não pode ser confundida com a deificação, é obra da graça divina.

4. *Os Discursos de Instrução*³

Os Discursos de instrução foram escritos em Médio Alto-alemão do qual se serviram os senhores feudais e os grandes poetas por toda a Alta Idade Média. É o período no qual floresceu a literatura alemã entre os séculos XIII e XIV. O Médio Alto-alemão não se submeteu às normas da língua escrita, ainda que já se evidenciassem tentativas para isso. O fato de os poetas evitarem formas dialetais aparentemente “grosseiras”, dão indicação disso. Graficamente assinala-se a metafonia de *a* e *o* por meio de um *e*. Para as outras vogais, continua a grafia usual da vogal não metafonizada, com exceção do /u/. No consonantismo nota-se que as oclusivas sonoras finais sofrem neutralização e o grupo *sk* resultou em novo fonema /s/, grafado *sch*. Passou a ser uma regra o uso do artigo definido. O adjetivo vem anteposto ao substantivo. Na sintaxe observa-se um emprego mais freqüente do artigo, pois os substantivos perderam as características formais dos

³ Não oferecemos aqui a tradução integral do primeiro capítulo, mas apenas excertos.





casos. Destaque-se, por fim, o fato de que o léxico sofreu forte influência da religiosidade mística.

Os Discursos de instrução são uma coleção de recomendações organizadas por Meister Eckart. Seu objetivo era dar orientação espiritual e moral, como Prior, às questões levantadas pelos monges noviços ou "filhos" espirituais. Entre todas as obras do místico alemão esta é a que alcançou maior repercussão. Esse breve texto foi dividido em 23 capítulos. Aqui apresentamos a tradução de excertos do primeiro capítulo que, segundo nos parece, funcionam como um fio-condutor que, darão o norte temático para toda a obra. Falam de um dos temas mais caros à piedade medieval, consagrada no movimento místico como a virtude de todas as virtudes: A obediência que leva à supressão da vontade própria em favor da vontade divina. Não se entende bem *Os Discursos de instrução* de Meister Eckart quando estes são lidos e interpretados dissociados de seu contexto fundador. A religiosidade medieval é marcada pelo recrudescimento da ascese. Seu rigorismo moral é algo autoexplicativo.

Os textos que dispomos de M. Eckart são, quanto ao seu formato, predominantemente discursos. Isso se adéqua à hipótese de que se tratavam de textos de ocasião, ou de escritos que indicavam por meio de seu *Sitz im Leben* seu público destinatário. No caso de *Os Discursos de instrução*, o lugar vivencial são as conversas doutriniais ou de orientação vespertina, as *Collationibus*, a que ele se refere no preâmbulo. Nesse sentido podemos afirmar que *Os discursos de instrução* indicam um caráter distinto das Pregações e dos Tratados teológicos de M. Eckart: Aqui não se busca “edificação” mística. Eckart intencionava em seus discursos orientar seus noviços na prática da vida monástica e cristã em geral.

Markus Enders (1997: 72-73) elenca duas possíveis formas de estruturação de *Os Discursos de instrução*: O primeiro de Kurt Ruh, par quem a obra de M. Eckart estaria dividida de seguinte forma:

- 1-8: O ser humano como objeto
- 9-16: A tematização do pecado
- 17-23: A condução da vida

Uma segunda estratificação dos Discursos é oferecida por George Steer, que seguindo a mesma ordem numérica que K. Ruh, diverge do conteúdo das mesmas. Assim teríamos:





1-8: O “ter” Deus na racionalidade

9-16: O “ter” Deus na vontade

17-23: No que consiste o seguimento de Cristo.

O tema que perpassa a totalidade de *Os Discursos de instrução* é o tema da vontade. Na verdade, a obra procura explicitar a necessidade da supressão da vontade humana em favor da vontade divina (ENDERS, 1997: p. 76). O fiel que abriu mão da própria vontade em favor da vontade divina alcançou o mais alto grau de espiritualidade. Atingiu o que Eckart denomina de “pobreza verdadeira”. Para isso o ser humano devoto necessita de se aprofundar na prática do isolamento ou reclusão (*Abgeschiedenheit*).

DIE REDE DER UNDERSCHIEDUNG ⁴	Os discursos de instrução
<p>DAZ SINT DIE REDE, DIE DER VICARIUS VON TÜRINGEN, DER PRIOR VON ERFURT, BRUODER ECKHART PREDIGERORDENS MIT SOLCHEN KINDERN HTE, DIU INDIRRE REDE VRGETEN VIL DINGES, DÔ SIE SZEN IN COLLATIONIBUS MIT EINANDER.⁵</p> <p>1. Wâriu und volkomeniu gehôrsame ist ein tugent⁶ vor allen tugenden, und kein werk sô grôz enmac geschehen noch getân werden âne die tugent; und swie kleine ein werk und swie snoede ez sî, sô ist ez nützer getân in wârer gehôrsame, ez sî messe lesen, hoeren, beten, contemplieren oder swaz Du maht⁷ gedenken.</p> <p>Nim aber swie⁸ snoede ein werk dû wellest, ez sî swaz daz sî, ez machet dir wâriu gehôrsame edeler und bezzet. Gehôrsame wûrket⁹ alwege¹⁰ daz aller beste in allen dingen. Joch¹¹ diu gehôrsame engeirret niemer niht¹² und enversûmet ouch nihtes, swaz ieman tuot, in deheinen dingen, daz ûz der wâren gehôrsame gât, wan si enversûmet kein gut.</p>	<p>Estes são os discursos que o Vigário de Turíngia, o Prior de Erfurt, Irmão Eckhart, da Ordem dos Pregadores, teve com tais (filhos espirituais) que o questionaram muito sobre vários assuntos, enquanto se reuniram para conversas.</p> <p>1. Verdadeira e perfeita obediência é uma virtude que está acima de todas as virtudes. Nenhuma obra, por simples que seja, pode ocorrer ou ser realizada sem essa virtude. Mesmo sendo algo modesto uma obra e por menor que seja, ela é mais útil quando realizada em verdadeira obediência, seja a leitura ou audição da missa, a oração, a contemplação ou qualquer coisa que você possa imaginar.</p> <p>Considere novamente uma obra, por mais insignificante que seja, seja o que for: a verdadeira obediência a torna mais nobre e melhor. A obediência sempre produz o melhor em todas as coisas. De fato, a obediência nunca atrapalha nem impede, não importa o que alguém faça, quando vem de uma verdadeira obediência; pois ela não deixa de fazer o bem.</p>

⁴ A autenticidade do título é algo questionado.

⁵ *IN COLLATIONIBUS MIT EINANDER*, podendo ser: “conversas vespertinas ao redor da mesa”.

⁶ *Tugent*, em alemão moderno *Tugend*., virtude.

⁷ *Du maht gedenken*, em alemão moderno: *Du erdenken magst*. Verbo *mâhe/mâge*

⁸ *Swie*, advérbio. Em alemão moderno: também

⁹ *Wûrket*, verbo *wûrk*: Em alemão moderno *wirken*: opera, realiza, produz.

¹⁰ *Alwege*, advérbio. Em alemão moderno *immer*, *stets*: Sempre.

¹¹ *Joch/jouch*, advérbio. Em alemão moderno *wahrlich*, *doch*, *wirklich*, *auch*, *sogar*: de fato.

¹² *Niht*, partícula de negação. Em alemão moderno *nicht*, *Nein*: Nunca, não.





Gehôrsame bedarf niemer niht gesorgen, ir engebrichet ouch keines guotes. Swâ der mensche in gehôrsame des sînen ûzgât und sich des sînen erwiget, dâ an dem selben muoz got von nôt wider îngân; wan sô einiez im selber niht enwil, dem muoz got wellen glîcher wîs als im selber.

Und entæte got des niht, in der wârheit, diu got ist, sô enwære¹³ got niht gereht noch enwære got, daz sîn natiurlich wesen ist.

In wârer gehôrsame ensol niht vunden werden 'ich wil alsô oder alsô' oder 'diz oder daz', sunder ein lûter ûzgân des dînen. Und dar umbe in dem aller besten gebete, daz der mensche mac gebeten, ensol niht sîn weder 'gip mir die tugent oder die wîse', oder 'jâ, herre, gip mir dich selber oder êwigez leben', dan 'herre, engip niht, wan daz dû wilt, und tuo, herre, swaz und swie dû wilt in aller wîse'.

Daz übertriffet daz êrste als der himel die erden. Und swenne man daz gebet alsô volbringet, sô hât man wol gebetet: als man zemâle ûzgegangen ist in got wârer gehôrsame. Und als wâriu gehôrsame niht ensol haben 'ich wil alsô', alsô ensol niemer von ir gehoeret werden 'ich enwil niht'; wan 'ich enwil niht' ist ein wâriu vergift aller gehôrsame. Als dâ sprichet sant Augustînus: »der getriuwe¹⁴ diener gotes den engelûstet niht, daz man im sage oder gebe, daz er gerne hoerte oder sæhe; wan sîn¹⁵ êrster, hoehster vlîz ist ze hoerene, waz gote allermeist gevellet.

A obediência não precisa se preocupar, ela não carece de nada do que é bom. No ponto em que o ser humano, em obediência, transcende o seu próprio eu e se despoja do que é seu, é aí que Deus inevitavelmente entra novamente. Pois se alguém não deseja nada para si mesmo, então Deus deve desejar para ele da mesma forma que deseja para Si mesmo.

E se Deus não fizesse isso - pela verdade que é Deus - então Ele não seria justo, nem seria Deus, o que, no entanto, corresponde à Sua existência natural.

Na verdadeira obediência, não deve haver nenhum "Eu quero assim ou assado" ou "isso ou aquilo", apenas a completa renúncia do próprio querer. E por isso, na mais elevada oração que o ser humano pode proferir, não deve haver pedidos como "Dá-me esta virtude ou esta graça" nem "Sim, Senhor, dá-me a Ti mesmo ou a vida eterna", mas apenas "Senhor, não me dê nada além do que Tu queres, e faz, Senhor, o que e como Tu queres em todas as coisas!"

Isso supera a primeira oração como o céu supera a terra; e ao realizar essa oração, o ser humano verdadeiramente orou: se no verdadeiro espírito de obediência não deve haver um "Eu quero assim", também nunca deve ser ouvido dele um "Eu não quero"; pois "Eu não quero" é um verdadeiro veneno para toda a obediência. Como Santo Agostinho falou: "Ao fiel servo de Deus, não lhe apetece que lhe digam ou deem o que ele gostaria de ouvir ou ver; pois o seu primeiro e mais elevado desejo é ouvir o que mais agrada a Deus."

5. Considerações finais

Debruçar-se sobre a obra de Meister Eckart, e em particular sobre seus *Os Discursos de instrução* é atividade pertinente e significativa. Não somente como teólogo medieval, mas também como erudito M. Eckart não decepciona na sua leitura. Sua escrita

¹³ *Enwære*, verbo. Em alemão moderno *wäre*: seria

¹⁴ *Getriuwe*, *gitiûwelich*, *-triun(wen)*, *triuwec*, *trû(we)-lich*, adjetivo. Em alemão moderno *treu*, *aufrechtig*, *beständig*, *gerecht*: Fiel.

¹⁵ *Sîn*, pronome possessivo. Em alemão moderno: *sein*: Seu, sua.





é profunda, e não poucas vezes beirando a alta complexidade conceitual. Isso explica a incompreensão de algumas de suas formulações teológicas que o levaram à condenação por parte da hierarquia da Igreja católica. Mas o que mais fascina nele é que, escrevendo, aborda temas do cotidiano da fé consubstanciando-os com profundidade filosófica, especialmente do pensamento de Agostinho. Em seus *Os discursos de Instrução* se dirige aos noviços, e para isso arrasta consigo toda a tradição multiseular da igreja cristã, bem como da filosofia classica.

É bom que se ressalte que M. Eckart escreve num outro tempo e procura dar respostas a questões que possivelmente já não constituem o centro das preocupações do ser humano pós-moderno. Mas sua relevância permanece na medida em que nos leva a nos perguntar pela forma com que ele arranja ou se movimenta no interior da grande tradição teológico-filosófica da igreja. Mais que isso, sua pertinência destaca-se por sua linguagem.

Referências

BOEHNER, Philotheus/ GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã. Desde as origens até Nicolau de Cusa.** Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

BUNSE, Heinrich. **Iniciação à Filologia germânica.** Porto Alegre: Editora Universitária, 1983.

ENDERS, Markus. **Die Reden der Unterweisung. Eine Lehre vom richtigen Leben durch einen guten und vollkommenen Willen.** In: [Meister Eckhart. Lebensstationen - Redesituationen](#), 1997. p. 69-92. <file:///C:/Users/Users/Desktop/UERJ/ARTIGOS/ECKART/DIE%20REDEN%20DER%20UNTERWEISUNG.kommentar.pdf>, acessado em 12 de janeiro de 2024.

FROMM, Erich. **Zum Verständnis des Unterschieds zwischen Haben und Sein.** In: Erich Fromm: Gesamtausgabe. Band II. Analytische Charaktertheorie. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1989.

GILSON, Etienne. **A filosofia na idade média.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GOBRY, Ivan. **Vocabulário grego de filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.





HÄGLUND, Bengt. **História da teologia**. 4. Edição. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1989.

HENNIG, Beate. **Kleines Mittelhochdeutsches Wörterbuch**. 6. Auflage, Berlin: Walter de Gruyter, 2014.

HIRSCHBERGER, Johannes. **Geschichte der Philosophie**, Freiburg: Verlag Herder, s/d.

JEDIN, Hubert, (org.). **Handbuch der Kirchengeschichte. Band III/2**, Freiburg: Herder Verlag, 1985.

KOTTJE, Raymund/ MOELLER, Bernd. **Ökumenische Kirchengeschichte 2. Mittelalter und Reformation**. 3. Ausgabe, Mainz/München: Matthias-Grünwald-Verlag/Chr. Kaiser Verlag, 1983

KÜNG, Hans, **Das Christentum. Die religiöse Situation der Zeit**. 4. Auflage, München: Piper Verlag, 1994.

RASCHIETTI, Matteo. **O uno e o ser no pensamento de Meister Eckhart**. Revista **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 35, p. 79-98, 2012.

ULFIG, Alexander. **Lexikon der philosophischen Begriffe**. Eltville am Rhein: Bechtermünz Verlag, 1993.

